



Walter Firmo, Retrato de Clementina, 1977

Foto: Coleção do artista / Instituto Moreira Salles

O MUSEU VASSOURAS RECEBE “CHEGANÇA”

A coletiva, com curadoria de Marcelo Campos, reúne obras icônicas de Tarsila do Amaral, Beatriz Milhazes, Rosana Paulino, Djanira, Efrain Almeida, Heitor dos Prazeres e Dalton Paula, em diálogo com figuras históricas do Vale do Café como Clementina de Jesus, Vovó Maria Joana e Rosinha de Valença. A primeira exposição do novo Museu Vassouras celebra a memória, os ritos, os percursos, as vozes e a música da região



Tarsila do Amaral, *Figura Só*, 1930

Foto: Jaime Acioli

O recém-inaugurado Museu Vassouras abre oficialmente sua programação artística no dia 6 de dezembro com “*Chegança*”, coletiva que celebra as tradições populares e as múltiplas vozes do Vale do Café, região onde está situado o museu. A mostra – que reúne aproximadamente 130 obras de mais de 60 artistas – fica em cartaz até maio de 2026.

“*Chegança*” nasce como uma confluência de diversas pesquisas que o Museu vem promovendo no Vale desde 2019. “Reunimos artistas de todas as regiões do país, cujas narrativas atravessam e ressoam com o Vale do Café, revelando a força, a diversidade cultural e a importância do intercâmbio entre os interiores do Brasil”, celebra Catarina Duncan, diretora artística do Museu Vassouras. “O conceito da exposição está ligado à ideia de travessia e de chegada, à circulação de pessoas, saberes e práticas culturais que formam a identidade do Vale do Café. A exposição é muito pautada nos diálogos que tivemos sobre a

área e nas escutas que fizemos com as comunidades locais”, completa Marcelo Campos.

Entre os destaques da mostra está a tela “*Figura Só*”, de Tarsila do Amaral (1930) – uma presença simbólica que, segundo Campos, estabelece pontes entre o modernismo brasileiro e as tradições que moldaram o imaginário da região.

“Além das obras de artistas contemporâneos, também comissionamos trabalhos que se aproximam da região, como o quilombo São José, e contemplamos produções indígenas, afro-brasileiras, folias, sambas e rituais populares”, explica o curador.

OS TRÊS EIXOS DO PERCURSO EXPOSITIVO

Os três núcleos temáticos – *Folias*, *Vapor* e *Milagre* – formam um roteiro poético e sensorial pelas culturas que brotam da região. O visitante é convidado a atravessar esse território simbólico como quem percorre

uma festa ou um cortejo, guiado por cantos, memórias e presenças.

No eixo **Folias**, a mostra mergulha nas expressões populares, das folias de reis aos cortejos urbanos, revelando a alegria como gesto de resistência, encantamento e continuidade. É o ponto de partida, em que o território se anuncia em ritmo de celebração. Obras de Beatriz Milhazes, como “*Meu Limão*”, e de Djanira, como “*Festa do Divino*”, dialogam com estandartes, máscaras e bandeiras das folias e escolas de samba locais.

O núcleo **Vapor** atravessa os antigos trilhos de ferro que conectaram o Vale do Café à Central do Brasil. Ali, o trem encontra o batuque do jongo e reverbera manifestações afrodiáspóricas, trazendo vozes ancestrais e lideranças históricas quilombolas, além de fazer referência aos quintais como nascedouros de rodas de samba e improviso. — *Aqui a linha do trem e o rio atravessam a região, conectando passado e presente* — resume Campos. — *A ferrovia não é apenas trilho de ferro: é costura entre mundos*. O núcleo reúne ainda a pintura “*Colheita*”, de Djanira, assim como fotografias de Ziel Karapotó e Walter Firmo, com retratos de Clementina e outras cenas do trem e da música carioca.

O trabalho e a formação cultural brasileira são evocados a partir do imaginário ferroviário. As antigas linhas férreas, que conectavam fazendas, cidades e trajetórias, surgem como metáfora de trânsito e de transformação. Cabem aqui registros fotográficos, como as imagens anônimas de trabalhadores nos trilhos da Central do Brasil, datadas da década de 1950.

Por fim, o núcleo **Milagre** nasce das águas do Rio Paraíba do Sul — fio vivo que conduz mitos, crenças e ritos do Vale.



De cima para baixo: Beatriz Milhazes, *Meu limão*, 2000 – Foto: Jaime Acioli; Djanira, *Folia do Divino*, 1960 – Foto: Jaime Acioli; Rafa Bqueer, *Pancadão*, 2023 – Foto: Divulgação do artista



Dalton Paula,
Mariana Crioula e
Manuel Congo,
ambos de 2022

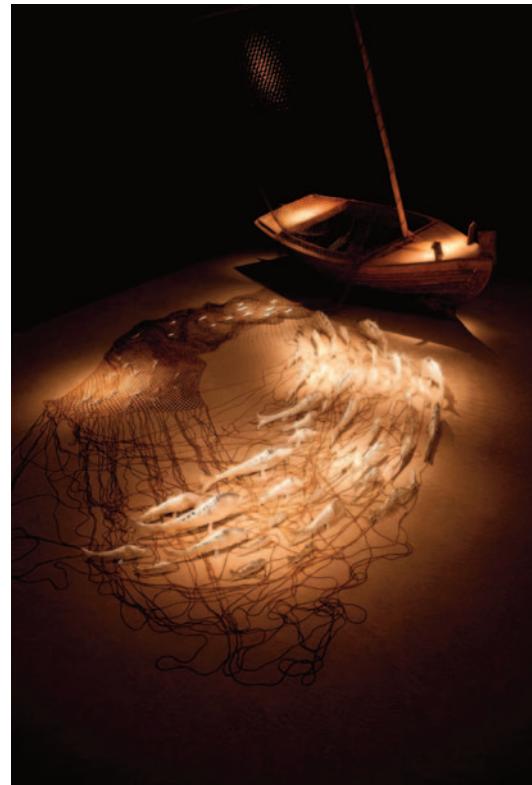
Fotos: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Entre a aparição de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Vassouras, a lenda do Caboclo d'Água e os peixes como promessa de fartura. O rio revela um território onde fé, natureza e cotidiano se entrelaçam. A noção de milagre se fortalece pela arquitetura do espaço: uma claraboia ilumina a sala como uma anunciação, criando um imaginário quase barroco que envolve visitantes em luz e sombra.

“Figura só”, de Tarsila do Amaral, e as esculturas de Denilson Baniwa, Chico Tabibuia, Gustavo Caboco e Kandú Puri dialogam com trabalhos de outros artistas, ampliando o encontro entre espiritualidade, natureza e as expressões do território. Instalações de Efrain Almeida (*“Uma coisa linda”*) e Nádia Taquary (*“Puxada de rede”*) ampliam o sentido de devoção, enquanto a paisagem sonora do espaço prolonga o imaginário ribeirinho das violas e serestas.

EXPERIÊNCIA SENSORIAL E PAISAGEM SONORA

Projetada por Gisele de Paula, primeira mulher negra a assinar a arquitetura de uma Bienal de São Paulo, a expografia propõe uma experiência imersiva e sensorial, onde o visitante é convidado a percorrer espaços

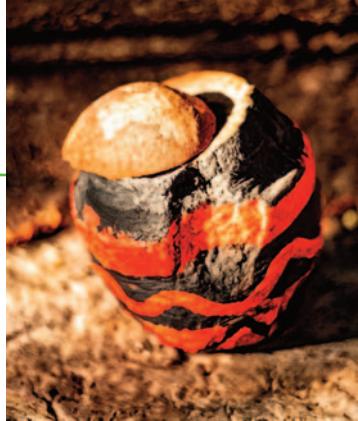


Nádia Taquary,
Puxada de rede, 2023

Foto:
Divulgação
da artista

marcados por cores, luzes e materiais que remetem às camadas simbólicas da região.

A paisagem sonora criada pelo premiado produtor musical Alê Siqueira costura os sons do vapor, do trem, do rio e das manifestações populares – folias, serestas,



Da esquerda para a direita: Heitor dos Prazeres, *Sem título*, 1964 – Foto: Jaime Acioli; Gustavo Caboco, *Costura é resistência indígena*, 2024 – Foto: Julia Thompson; Kandu Puri, *Cocos de Sapucaia*, s.d. – Foto: Divulgação da artista

rodas de jongo e improvisos de voz – com cantos de artistas locais e gravações históricas de Clementina de Jesus e Rosinha de Valença. A trilha inclui ainda a participação do rapper indígena Kandú Puri, promovendo o encontro entre tradição e contemporaneidade.

PROGRAMA PÚBLICO E MATERIAL EDUCATIVO

Durante todo o período da mostra, o Museu Vassouras promoverá ativações mensais com performances, oficinas, rodas de conversa, encontros de folias e jongo, ampliando o diálogo entre artistas e comunidade, além de material pedagógico voltado para professores e alunos da região.

SOBRE O MUSEU DE VASSOURAS

Após seis anos de reforma, revitalização e restauro, o prédio secular que abriga o Museu Vassouras se consolida como um marco na preservação do patrimônio e na valorização cultural do Vale do Café, no Sul Fluminense. Iniciativa do Instituto Vassouras Cultural, fundado em 2017 por Ronaldo Cezar Coelho, o museu transforma um imóvel histórico, antes hospital e asilo, em um centro cultural de referência, que integra memória, arte e educação. A instituição celebra a diversidade de vozes do território, promove escuta ativa e diálogo criativo. A direção artística é de Catarina Duncan.

Construído em 1848, o prédio abrigou o Hospital Nossa Senhora da Conceição (Santa Casa da Misericórdia) e, mais tarde, o Asilo Barão do Amparo. Um dos edifícios mais emblemáticos do centro histórico de Vassouras, teve sua trajetória interrompida em 2007, quando um incêndio causou grandes danos à estrutura e levou à sua interdição. O Instituto Vassouras Cultural liderou o processo de recuperação e está à frente da gestão do museu.

SERVIÇO

Chegança

Abertura: 6 de dezembro

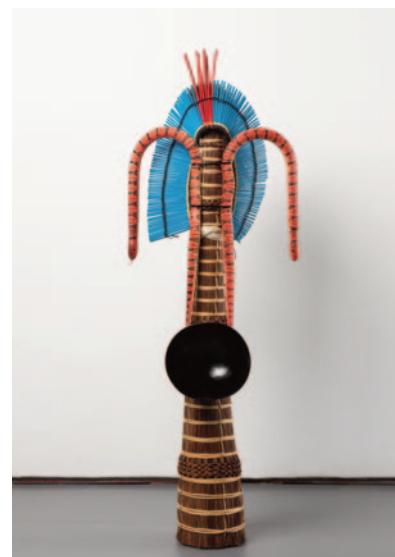
Até maio de 2026

Museu Vassouras

Rua Luiz Pinheiro Werneck, 64, Praça Barão de Campo Belo, Centro, Vassouras / RJ

Dias/Horários: quinta a domingo, das 10h às 18h

<https://museuvassouras.org.br/>



Denilson Baniwa,
Piracema#4, 2023
Foto: Cortesia do artista
e A Gentil Carioca